

A corporeidade retorna ao cenário psicanalítico após um longo período de esquecimento e, dirá Joel Birman, recalque. É assim que ele inicia a apresentação do trabalho de Liana Bastos, fruto de sua dissertação de mestrado. De uma forma irônica, Birman faz uma crítica aos movimentos psicanalíticos dos anos 80, que a seu ver valorizaram ao extremo, por um lado, o pensamento (os bionianos) e por outro, a linguagem (os lacanianos), numa verdadeira "nostalgia do platonismo" (p.9). Em contraponto a eles, considera esta obra uma epopéia, não só por retomar de forma atenta e aprofundada a noção de corpo na obra freudiana, mas por contestar corajosamente o que até então era a visão dominante: o sujeito des-corpado.

A esse movimento se contrapõe um outro: o de retorno a se pensar o corpo. Neste sentido, poderíamos dizer que a autora não está sozinha nesta "epopéia", o que em nada modifica o mérito e a qualidade do presente trabalho.

Bastos faz um retorno às origens. Mostra-nos como a trama em que é tecido o conceito de corpo em psicanálise é resultado de uma intrincada rede de fios conceituais e, porque não dizer, associativos. Coloca em relevo os momentos nos quais surgiram as concepções de corpo na obra freudiana e propõe uma leitura que define os vários corpos aí existentes.

"Por que, então, começar pelo corpo? De que corpo se trata? Do corpo dos anátomo-fisiologistas? Do corpo representado? Qual o lugar que o corpo ocupa em psicanálise? O corpo é o lugar da palavra? É um conceito organizador do discurso teórico? Pode ser objeto de interpretação?" (p.25). Estas perguntas iniciais indicam os caminhos que a autora percorrerá. Somos conduzidos a trilhar com ela, a maneira pela qual Freud

## A trama do corpo

*Resenha de Liana Albernaz de Melo Bastos, Eu-corpando: o ego e o corpo em Freud, São Paulo, Escuta, 1988, 200 p.*

concebe um corpo que se constitui como um lugar possível da palavra.

Aponta como as rupturas epistemológicas que Freud fez no decorrer de sua obra produziram, ao mesmo tempo, o corpo teórico psicanalítico e a elaboração de uma idéia de um corpo sexual. Bastos marca estes momentos de ruptura e assinala como a concepção de corpo se reformula em cada um deles.

Segundo ela, em um primeiro momento, o corpo do qual a psicanálise parte é o anatômico. O que é, afinal de contas, o corpo anatômico? Ela afirma que este já é um corpo recortado pela linguagem médica. "O corpo anatômico pode ser visto, apalpado e cheirado; só não pode ser escutado. Não tem história, tem geografia" (p.29). É o corpo objeto da investigação médica. Trata-se do corpo dissecado, sem vida e sem sexualidade.

A autora marca que este corpo anatômico não é o natural, e não o faz à toa, pois a questão da relação de um corpo biológico - natural e sua articulação com um corpo sexual perpassa todo o livro.

Bastos lança a pergunta: "Qual a marca que o corpo anatômico imprimiu na obra freudiana?" (p.30) Introduce aqui uma idéia interessante, que diz respeito a como Freud pôde se descolar desta primeira referência. A marca se inscreve no corpo teórico: do corpo anatômico

à anatomia psíquica. Freud extrai do corpo anatômico a lógica que o determina e pensa o aparelho psíquico como uma geografia, como tópica.

Pensa, então, em dois momentos de ruptura com este corpo anatômico: ambos se dão a partir dos casos de histeria. O primeiro acontece quando Charcot pensa o corpo da histeria como um corpo fisiológico e, o segundo, quando Freud o compreende como representado. Neste último, o corpo é retirado da alçada da fisiologia e da anatomia.

O trauma seria, num primeiro período da busca da etiologia da neurose, um excesso psíquico que, não encontrando vias internas para se inscrever, aloja-se no corpo como sintoma.

A teoria da sedução é o momento no qual o traumático é concebido a partir da vida sexual. Aqui situa-se o que a autora concebe como corpo do sexo, intimamente relacionado ao corpo representado. Freud pensava em duas vias possíveis de tramitação desta excitação sexual: a que podia se conectar a uma rede de representações e a que não. Destes dois percursos diferenciavam-se duas classes de neuroses, as psiconeuroses e as neuroses atuais.

A partir daqui a autora discute como a idéia de um duplo registro corporal, o do que encontra formas de representação psíquica (corpo representado) e o outro que escapa a isto

(corpo somático), torna-se uma questão que habita e instiga Freud em suas investigações clínico-teóricas.

Com o abandono da teoria da sedução e a definição do conceito de fantasia e desejo inconscientes, a psicanálise se funda e o corpo da sexualidade se afirma. Assim, para que ele tenha podido surgir, foi necessário o estabelecimento de três momentos: de uma etiologia sexual das neuroses, na qual se distingue um corpo representado (o das psiconeuroses) e outro somático (o das neuroses atuais); do conceito de defesa, que a partir da definição do recalque funda uma divisão psíquica, instaurando o sujeito não uno, idéia que se contrapõe àquelas de hereditariedade e degeneração de Charcot; e da conversão, entendida como uma simbolização do registro psíquico no corpo somático, já que o corpo torna-se suporte de representações psíquicas.

Na segunda parte do livro, a autora trata da constituição do corpo sexual, mostrando como ele é delineado a partir da teoria sexual infantil e da teoria das pulsões, introduzindo a noção do corpo auto-erótico e erógeno. Na terceira parte, Bastos trabalha como surge a concepção de um corpo totalizado, a partir das relações do ego com o corpo sexual, passando pelas conceituações do narcisismo e identificações. O corpo sexual é constituído tanto pelo corpo erógeno, como pelo corpo narcísico.

A autora aponta que Freud foi levado a criar a primeira teoria pulsional para poder dar fundamento ao recalque. Desta forma, o corpo sexual responde às exigências da pulsão sexual, enquanto o corpo somático responde à auto-conservação. É um corpo que se desdobra em dois, atendendo a dois tipos diferentes de solicitações, estando, assim, a serviço das pulsões e

suas polaridades. O corpo sexual seria "o corpo infantil seduzido apossado pela pulsão" (p.103), e o corpo somático encontra-se muito próximo ao instinto. "O estatuto da pulsão de autoconservação manteve-se, no entanto, problemático. Se ela visa objetos reais, exteriores e com uma certa fixidez, se não tem a libido como energia, se não sucumbe às defesas, se busca e encontra satisfação, então, a pulsão de autoconservação deveria estar no registro do instinto e não da pulsão. Mas Freud a denominou *Trieb* e não *Instinkt*" (p.113).

Na segunda teoria pulsional, a questão incide no que não tem registro, inscrição no aparelho psíquico. O que não deixa de ser uma reestruturação da problemática de um duplo registro corporal. "Esta primeira oposição pulsional se sustenta numa questão que, ainda na segunda teoria pulsional, é problema: as relações do corpo sexual com o somático ou, se preferirmos, as relações da psicanálise com a biologia" (p.111). A repetição pulsional se dá pela busca incessante e nunca alcançada da satisfação, para se chegar ao estado nirvânico, o que "significa dizer que o equilíbrio orgânico se mantém em um registro paralelo ao pulsional, fora da representação, no corpo-organismo-vivo. Este corpo não representado se mantém numa interrelação com o corpo sexual revelando ora uma autonomia, ora uma superposição: a pulsão sexual se apossa do organismo, fazendo e desfazendo caminhos e mantendo os pontos de fixação da libido" (p.132).

Esta aproximação que Bastos faz do corpo somático ao biológico encontra em Laplanche seu fundamento. Sua formulação parte da idéia de que há um corpo biológico que determina e origina a pulsão. "Em nossa interpretação, o objeto perdido está no limite do instinto; o que está perdido para o ser humano é a ordem natural, instintiva e plenamente satisfatória" (p.182).

Esta argumentação é feita quando a autora se opõe à visão lacanianana, defendendo a noção de apoio como essencial no entendimento das questões que movimentavam Freud. O apoio, diz ela, seria a garantia da manutenção do "circuito excitação-satisfação" (p.81), sem o qual cairíamos no instintivo. Percebe-se que a autora pressupõe a existência de uma natureza instintiva, da qual o homem se discrimina.

Curioso notar, no entanto, que a autora faz uso da formulação de Lacan da "fase do espelho" quando trabalha o processo de constituição da totalização do corpo, frisando a co-existência do corpo erógeno e do narcísico. Mas, não estaria sua escolha referida ao fato desta formulação abrir campo para pensarmos num corpo erógeno que pode não se totalizar? O que implica a idéia de pensarmos nos entraves da constituição do sujeito psíquico e, na sua relação com o desejo.

O recorte dessa idéia lacanianana direciona um olhar, reposicionando o problema. Não seria este corpo somático já um corpo pulsional? Percebe-se que Bastos faz coincidir o corpo somático com o que está fora da cadeia de inscrições psíquicas, não pensando neste como um corpo pulsional.

Chaim Katz nos diz: "Aprende-se com Freud que **não há corpo instintual**, assujeitado ao natural. Pois sabemos que ele não afirmará **jamais** a naturalidade de nenhum corpo, de vez que **não existe a natureza**. Se há *Besetzungen*, ocupações, investimentos, então não há **natural**; se o homem é um **animal impulsional erogênico** (que encontra seus objetos desde a impulsão - *Drang* - que precisa ser descarregada), a chamada natureza humana é produzida sempre. Para os freudianos, o

chamado instinto nunca é natural"<sup>1</sup>, (grifos do próprio autor). Ele propõe uma outra forma de se pensar o instinto, criticando os psicanalistas que vêem nos psicóticos e paranóicos uma constituição psíquica "como se o fossem no modo orgânico"<sup>2</sup>, afirmando que o que está em jogo é da ordem do pulsional. Assim, nos chama a atenção para não confundirmos os dois registros, quais sejam, o pulsional e o desejante. O sujeito não nasce, desta forma, desejante. Ele pode ou não se constituir assim.

A preocupação em se delinear as diferenças entre estes dois registros corporais parece referir-se a questões clínicas. O corpo que se apresenta fora de um registro psíquico está no campo psicanalítico? É a partir dos casos graves, e dos casos que não encontram lugar num corpo representado, que se torna mais urgente o pensamento das relações entre os vários registros do corpo em psicanálise.

Mannoni, relatando suas experiências com crianças autistas, as chama de "esfoladas vivas"<sup>3</sup>, imagem que nos remete à extrema violência que uma pessoa pode sofrer, conseguindo manter, a duras penas, um mínimo de sobrevivência psíquica. Ela nos diz: "o corpo em análise é o corpo de que falamos. Inversamente, nas abordagens lúdicas empregadas em Bonneuil, a escuta do "corpo bloqueado" da criança autista é de grande importância. A criança autista torna-se presente no mundo, numa linguagem sem palavras, a partir do momento em que pode superar seus medos concernentes a seu próprio corpo, que lhe parece, até então, um corpo estranho que não lhe pertence. Torna-se possível uma dialética a partir do instante em que ela pode começar a habitar em seu corpo e a fazê-lo falar na língua dela"<sup>4</sup>. (grifo meu). A autora acredita, como vemos, que a falta de palavras não representa a falta de linguagem, o que

permite aos analistas permanecerem na escuta. A questão é a de se precisar o que está em jogo quando o "corpo está bloqueado", isto é, trata-se de saber se a falta de palavra diz respeito a uma ausência possível de ser resgatada, ou pelo contrário, diz respeito a uma falha, a um não lugar, que necessita de uma construção. De qualquer maneira, há o que se escutar, mesmo quando o que se comunica é de uma outra ordem, de um outro registro, para quem das palavras. "É na escuta dessa solidão que tentamos manter-nos, em Bonneuil, para autorizar a fala anterior às palavras a encontrar seu intérprete e sua expressão"<sup>5</sup>. Vemos como abrem-se modos de incluir no campo psicanalítico estes "corpos sem palavras".

Liana Bastos, com seu livro, consegue nos lançar nesta problemática desafiante e polêmica. Mesmo não tendo a pretensão de esgotar a discussão, traz uma valiosa contribuição para a inscrição da categoria de corpo em psicanálise.

## NOTAS

1. S. Leclair, *O corpo erógeno: uma introdução à teoria do complexo de Édipo*, São Paulo, Escuta, 1992, p. 25. Tal obra vem acompanhada de textos críticos de C. Garcia e Chaim S. Katz dos textos deste último foi extraída a presente citação.
2. Idem, p. 81.
3. M. Mannoni, *Amor, ódio, separação: o reencontro com a linguagem esquecida da infância*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995, p. 74.
4. M. Mannoni, *op. cit.*, p.88.
5. M. Mannoni, *op. cit.*, p.92.

**Adriana Victorio Morettin** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e mestranda do Instituto de Psicologia da USP.